

O LOUCO OU O COMUNISTA: DISCURSO, PODER E EXCLUSÃO EM GOIÁS

Eder de Paula

RESUMO: O presente artigo, busca analisar as construções e desconstruções narrativas da loucura a partir de um caso específico, o do polonês radicado de guerra no estado de Goiás, que acusou o então governador do estado em 1964, Mauro Borges de subversão e tentativa e aplicar um golpe comunista. Pawel Gutko, se viu entre duas tramas discursivas que hora o taxavam como louco e hora tinha suas falas validadas pela Ditadura Militar brasileira que o taxava de comunista. Neste sentido o trabalho não só aponta para as relações entre a Ditadura Militar e as Instituições totais como os manicômios, como também para utilização do conceito de loucura como forma de controle social e político nos anos de chumbo. As fontes analisadas são parte do Inquérito Policial Militar e outras que compõe o contexto para a construção desta dimensão de loucura e normalidade, partindo de duas fontes narrativas: as falas do governador acusado de subversão e do Regime Militar que intentava sua deposição.

Palavras-Chave: Loucura; Política; Ditadura Militar

ABSTRACT: Abstract: The present article seeks to analyze the narrative constructions and deconstructions of madness based on a specific case, that of the Polish citizen living in the state of Goiás, who accused the then governor of the state in 1964, Mauro Borges of subversion and attempt and deliver a communist coup. Pawel Gutko, found himself between two discursive plots that at one time called him crazy and when his lines were validated by the Brazilian Military Dictatorship, which called him a communist. In this sense, the work not only points to the relations between the Military Dictatorship and the total institutions, such as asylums, but also to the use of the concept of madness as a form of social and political control in the lead years. The sources analyzed are part of the Military Police Inquiry and others that make up the context for the construction of this dimension of madness and normality, starting from two narrative sources: the speeches of the governor accused of subversion and the Military Regime that attempted his deposition.

Key words: Madness; Politics; Military dictatorship

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No dia 31 de Março de 1964, no Brasil, os militares chegaram ao poder pautando suas ações na narrativa da Segurança Nacional, contra o avanço comunista que “ameaçava o país”. Para que as políticas tivessem um alcance nacional, vários interventores foram nomeados através da deposição de governadores e prefeitos, como aconteceu com o estado de Goiás.

O governador Mauro Borges foi eleito para cumprir o mandato entre 1961-1964, mas, devido ao golpe militar, não conseguiu chegar ao fim de sua tarefa, pois foi deposto do cargo. Os militares, para justificar a retirada de Mauro Borges do poder, se pautaram em uma possível ameaça comunista que, supostamente, estaria sendo organizada pelo governo de Goiás na cidade de Dianópolis, com ajuda da embaixada polonesa.

É através de um polonês radicado de guerra que estas denúncias tomam corpo e, a partir de então, este homem chamado Pawel Gutko passa a estar entre as acusações de loucura, por parte do governador deposto, e as de ser comunista, por parte dos militares. Através de dados do Inquérito Policial Militar, a discussão que se coloca é de que maneira a loucura aparece como artifício narrativo para invalidar um discurso, no caso, uma acusação que, ao mesmo tempo, também de característica de controle social.

Neste sentido, a temática nos possibilita perceber as relações entre as instituições totais e a Ditadura Militar, assim como a construção da loucura através de determinados mecanismos discursivos, que visavam a exclusão dos não adaptados ou “rebeldes”. A análise dos rastros deste sujeito, permite que percebamos o louco e a loucura de outras formas, possibilitando discutir sobre as funções dos manicômios durante a Ditadura Militar no Brasil.

A FACA DE DOIS GUMES

Observando a narrativa construída pelos militares, no intento de confirmar as versões que conduziriam Mauro Borges à deposição, percebe-se que Pawel é utilizado por ambos os lados desta disputa pelo valor da verdade. Assim, ao mesmo tempo em que é imputado como louco, seu depoimento é utilizado como verossímil para as acusações contra o governador.

PAWEL GUTKO, apátrida, nascido na Polônia e com ingresso no território nacional em dezembro de 1951, confessou estar a serviço da rede de agentes internacionais que atuam em Goiás, sob orientação de elementos poloneses. Essa atuação é confirmada por Vlaysia Nawiersky, que diz ser Pawel, bem como seu pai Jaroslaw, comunistas internacionais, opinião de que partilha a colônia polonesa em Goiás. (...) Ainda acompanhando o depoimento de Pawel, verifica-se que ele era intermediário, juntamente com João Batista Zacariotti, Simon Luty Kossobudsky e outros, na entrega de importâncias em dinheiro ao governador, recebidas da Polônia, para fins subversivos; igualmente confirma ter sido intermediário na entrega dos ditos envelopes. (...) Vejamos o que diz o Governador Mauro Borges, relativamente ao problema: 'que jamais recebeu cartas reservadas, entregues pelo Sr. João Batista Zacariotti trazidas pelo Sr. Pawel Gutko. Qualifica a acusação de infamante e procura apresentar Pawel como paranoico e Zacariotti como tendo confessado o inexistente em face a torturas que lhe tinham sido infligidas, no quartel do 10º BC'. (...) Todavia, os contatos do encarregado deste IPM com Pawel Gutko, e, mais que isso, a verificação que pôde fazer da veracidade dos fatos, narrados por ele, parecem destruir a tese da loucura levantada pelo Governador. (Inquérito Policial Militar APUD BORGES, 1965, p. 287 – 288)

A fronteira aqui estabelecida, o situa em uma região de conflitos narrativos que o constroem e o desconstroem incessantemente. Neste sentido, sua fala não é ouvida, ou sua subjetividade considerada. A narrativa construída pelos militares está pautada em uma trama de espionagem polonesa, bem aos moldes da guerra fria. Há de se considerar que isso é o reflexo do imaginário da época em que esses Inquéritos foram concebidos.

Esse contexto não se encerra com as tramas polonesas. A prisão de Gutko possibilitou aos militares a construção de um enredo envolvendo não apenas o governador, mas outras pessoas que compunham o seu governo. Um expressivo exemplo da dimensão do impacto da construção de Gutko como membro efetivo de uma rede de espionagem, é o possível levantamento de uma rede de guerrilhas no estado de Goiás.

O referido levantamento nos coloca diante da importância das provas produzidas com a prisão de Pawel. Tarzan de Castro que havia sido membro efetivo do governo de Mauro Borges foi preso em abril de 1964 sob a alegação de participação nas guerrilhas. Isso comprovaria a subversão do governador, porém, a efetivação só é possível depois das acusações de Gutko da participação de Mauro Borges em uma rede de espionagem envolvendo a embaixada polonesa. A sua presença é primordial para as afirmações realizadas em torno do governo de Goiás.

O destaque encontra-se na cidade de Dianópolis. Segundo o Inquérito Policial Militar - IPM descrito anteriormente, havia uma preocupação em relação a esta urbe sobre um possível levante subversivo. A relação entre Mauro Borges e este fato foi realizado com base em documentos que o governo federal teria tido acesso após um acidente de um avião brasileiro no Peru, no ano de 1963.

Essas informações ainda se tornam deficientes devido à falta de fontes que possam validar a versão desses documentos e da existência dessa movimentação de cunho comunista.

O que os militares realizaram foi uma costura das informações e embasaram sua versão no depoimento de Pawel Gutko que, segundo eles, comprovaria toda a atividade subversiva realizada pelo governador do estado de Goiás. Mauro Borges, diz não ter participação alguma quanto a essas

guerrilhas e que as mesmas foram combatidas pela polícia militar no seu governo. Esses são os comentários realizados por ele em relação às informações contidas no IPM.

A derrocada do governador é possível mediante as palavras do polonês, pois na inter-relação dos documentos evidencia tentativas de deposição e de comprovação da subversão do governo de Goiás, mas *provas* não foram apresentadas. Porém, diante da dúvida plantada com a participação da embaixada polonesa, os militares procuraram efetivar as acusações mediante a ideia de auxílio de Mauro Borges a um levante comunista na cidade de Dianópolis e na região do Araguaia.

Neste mesmo IPM os militares concluem que o médico polonês Simon Luty, também acusado de subversão, é quem teria induzido Pawel Gutko a se fazer de louco. O argumento utilizado por Mauro Borges para negar as acusações feitas pelos militares cairia então por terra. A loucura possibilitaria ao ex-governador apresentar sua defesa com base no descrédito das palavras de um indivíduo que não teria acesso à realidade.

Desta forma, os militares buscavam provar que a movimentação organizada por Mauro Borges e os familiares de Pawel Gutko seria simplesmente para invalidar seus depoimentos. Em contrapartida, o ex-governador alegava que os possíveis problemas mentais de Pawel Gutko teriam construído uma trama da qual os militares se serviram para executar a deposição. Em nenhum dos casos considera-se a subjetividade do indivíduo, nos dois casos negam-lhe o direito de ser normal, já que se encontra preso acusado de espionagem e também lhe retiram a possibilidade de existência ao afirmarem sua loucura, não reconhecendo, como nos diz Santos, que

[...] fantasias e imagens provenientes da psique do indivíduo considerado “louco” possam ser imagens simbólicas, pertencentes a um “sistema” também inconsciente de sensibilidades, e que revelam, na sua dialética com os dados conscientes, uma outra maneira de ver o mundo, tão sensível e digna como qualquer outra (SANTOS, 2008, p. 18).

É interessante observar que, após a deposição de Mauro Borges, a tese sobre Gutko estar fingindo ser louco não foi mais tão utilizada pelos militares. Já para o ex-governador era importante que se conseguisse internar Gutko, para que a tese da loucura fosse comprovada. O foco passa a ser consolidar a loucura e o sujeito louco com base na sua internação no Hospital Psiquiátrico Prof^o. Adauto Botelho.

Assim, Pawel Gutko estando na fronteira, sendo construído pelas narrativas em torno dele, serve aos militares para depor o governador enquanto comunista, e serve a Mauro Borges para se inocentar após sua deposição enquanto louco.

Estar no limiar da loucura e da normalidade, na fronteira entre o dito e o silêncio não permitiu ao polonês negociar sua atuação tanto em relação aos militares como em relação a Mauro Borges. Escapa de suas mãos a construção de si a partir do outro, aqui são as versões que se constroem a partir de Pawel Gutko, tanto que em momento algum se buscou ouvi-lo, as fontes não trazem palavras suas, mas palavras ditas sobre ele.

Sua internação no sanatório legitima a versão da loucura, o silencia por completo já que isso começa a ser feito a partir de sua prisão. O Hospital Psiquiátrico torna-se, portanto, não apenas o local do confinamento, da exclusão, mas o território da efetivação dos discursos, das narrativas sobre o louco e a loucura. No caso de Pawel Gutko sua internação legitimou todas as versões do ex-governador. Trancafiado atrás dos muros, excluído do convívio público, sua invalidade enquanto ser capaz de declarar-se inocente ou até mesmo culpado, é que proporciona o embasamento para sua loucura.

Isso, no entanto, não é algo apenas restrito a Pawel. Ser louco não seria estar em uma determinada condição, mas posicionar-se na fronteira entre o normal e o anormal de cada contexto histórico. O imaginário social em torno da loucura viabiliza o louco como sendo o par opositor do normal, como nos esclarece Stuart Hall, mas o padrão da normalidade advém da exclusão dentro do próprio grupo dos ditos normais.

Neste sentido, todos estariam na fronteira negociando sua normalidade mediante o direito de rompantes ou surtos, mas uma vez determinado como louco, a internação onde se legitima a loucura, elimina as negociações. Na delimitação de suas zonas patológicas para o estabelecimento das zonas saudáveis, através do saber psiquiátrico, os sujeitos vão sendo construídos e desconstruídos sucessivamente.

Levando-se em consideração essa composição do louco e da loucura, compreende-se a variabilidade do conceito ao longo do tempo. Foucault em seu livro *Os Anormais* traz um caso em que é perceptível a utilização da anormalidade para a definição da normalidade. Na discussão a respeito da masturbação ele procura evidenciar a forma como a criança foi patologizada, através das doenças que seriam provenientes da prática.

Neste sentido, hoje a masturbação não é vista como fonte da meningite ou mielite, discute-se de uma maneira mais ampla, sem toda a patologização porque o contexto histórico mudou. Essa mudança do contexto que abarca em transformações no imaginário social, estabelece uma conexão direta com as mudanças na forma de como o saber compreende o indivíduo tido como anormal.

Da mesma forma a homossexualidade até a década de 1950, era considerada um distúrbio mental, no entanto, as contextualizações em torno disso foram sendo alteradas por lutas pelos direitos dos homossexuais. Aqui presume-se que não apenas o sujeito foi reconstruído, as narrativas foram reelaboradas, mas também o saber precisou se adequar.

A caracterização de louco atribuída a Gutko é grandemente impulsionada e organizada por Mauro Borges, que reúne os depoimentos dos que haviam sido presos com ele para realizar seu diagnóstico através de suas narrativas. O diagnóstico dado pelos médicos apenas compõe o cenário da loucura do indivíduo.

Este documento serve ali como atestado, mas que é complementado pelas falas dos familiares, dos amigos e daqueles que dividiram com ele o espaço da tortura. Entre os depoimentos reunidos pelo ex-governador do estado de Goiás, vários são os que se dedicam a explicitar o comportamento anormal de Gutko, como o de Hugo Brockes:

Paulo se mostrou calmo e, conversando calmamente, perguntou pelos familiares do depoente e se seu pai continuava escrevendo filosofia – conversa perfeitamente normal; que, logo em seguida, tomou Paulo Gutko da escova de dentes do outorgante e começou a escovar seus próprios dentes; que Paulo Gutko, de sua grade, ficava olhando todos os que passavam, com um olho só, formando uma espécie de monóculo com uma das mãos colocada sobre o olho aberto, dizendo ainda, que com aquilo ele poderia ver através das paredes; que, dizia ainda, que todos os outros presos e soldados eram míopes; que Paulo Gutko às vezes, horas seguidas, ficava andando de rastro ou à ré, afirmando que somente ele podia fazer aquilo; que Paulo Gutko, em outros momentos, se apresentava quase normal, dando mesmo para impressionar qualquer pessoa que o visse naquele momento, eis que mostrava grande inteligência. (Depoimento Hugo Brockes APUD BORGES, 1965, p. 269)

Os objetivos a serem alcançados são os de possibilitar o questionamento das denúncias feitas durante as torturas por Pawel Gutko. O depoimento, no entanto, estabelece uma conexão direta com a representação dos loucos naquele momento quando o depoente diz que o mesmo *mostrava*

grande inteligência. Suas palavras estabelecem um momento exato para que isso aconteça, denomina um local no tempo e no espaço para que Pawel evidenciasse sua inteligência: *se apresentava quase normal, dando mesmo para impressionar qualquer pessoa*.

Um atributo essencialmente humano é negado àquele caracterizado como louco. A inteligência imediatamente aqui é interligada com a normalidade. Neste caso, a subjetividade do depoimento leva a interpretações difusas: a de que por falta desta – inteligência – Pawel não seria capaz de criar todo aquele enredo e, portanto, essa autoria caberia aos militares unicamente interessados em destituir Mauro Borges do governo. Gutko, louco, resolvera criar de si mesmo uma trama que faltaria com a verdade por este demonstrar ser inteligível apenas em poucos momentos de lucidez.

Neste caso identifica-se a negação das diversas possibilidades de se ler o mundo. Não estou julgando aqui a atitude de um homem em específico, Brockes como filho do seu tempo tinha uma percepção do imaginário de sua época. A partir deste sujeito pode-se compreender a representação sobre a loucura e o louco quando se entende o imaginário como uma dialética entre o mundo externo e o mundo interno, *“no mundo coletivo externo (sociedade), é a cultura que revelará o imaginário e apontará sua construção a partir da capacidade humana de criar símbolos”* (SANTOS, 2008, p. 73).

Hugo Brockes possibilita a determinação de Gutko como louco, seu depoimento assim como de várias outras pessoas atesta a condição de Pawel permitindo que Mauro Borges possa organizar sua defesa sustentada na tese da loucura. A inocência do ex-governador e os desmandos dos militares são colocados dessa forma a partir da organização de uma sequência de narrativas que dão sentido ao que estava sendo defendido por Mauro Borges.

Porém, avaliando a subjetividade dos gumes desta faca, a narrativa construída serviu a dois lados. A loucura e a veracidade emanam das mesmas palavras, das mesmas vírgulas busca-se ao mesmo tempo uma representação de verdade e uma representação de loucura. E é interessante como os dois lados dessa faca foram utilizados para desferir os golpes intencionais: a deposição e a absolvição.

Há de se levar em consideração as sensibilidades em torno dos sentidos atribuídos a essas palavras, é o que nos permite observar a formação de dois contextos diferenciados no mesmo tempo e espaço histórico. A ditadura que se instaurava na perspectiva da segurança nacional e um governador com possíveis tendências de esquerda. Essas diferentes contextualizações permitiram que as palavras de Gutko fossem visitadas e utilizadas de acordo com o processo de cada imaginário, relacionado às sensibilidades que,

se exprimem em atos, em ritos, em palavras e imagens, em objetos da vida material, em materialidades do espaço construído. Falam, por sua vez do real e do não real, do sabido e do desconhecido, do intuído ou pressentido ou do inventado. Sensibilidades remetem ao mundo do imaginário, da cultura e seu conjunto de significações construído sobre o mundo. Mesmo que tais representações sensíveis se refiram a algo que não tenha existência real ou comprovada, o que se coloca na pauta de análise é a realidade do sentimento, a experiência sensível de viver e enfrentar aquela representação. Sonhos e medos, por exemplo, são realidades enquanto sentimento, mesmo que suas razões ou motivações, no caso, não tenham consistência real. (PESAVENTO Apud. SANTOS, 2008, p. 43)

Aqui, portanto, analisamos a perspectiva de Mauro Borges e do governo militar. De um lado encontra-se a tradução de um mundo construído possivelmente com uma simpatia à lógica comunista e, do outro lado a perspectiva de que os fins justificariam os meios, ou seja, a deposição realizada é pautada na segurança nacional.

Resultado dos diferentes diálogos entre o mundo interior e o exterior produtor de sentimentos que traduzem o vivido. Mesmo aquilo tido como invenção pode ser considerado como parte do real, pois sentir é também vivenciar, não se nega a materialidade do sentimento. Seja o medo de uma ameaça comunista ou a de uma ditatorial, em ambos os casos, foram esses sentimentos que guiaram as ações, que traduziram o mesmo momento em diferentes representações.

No entanto, falta a compreensão do imaginário, das sensibilidades de Pawel Gutko. Não houve uma preocupação em estabelecer uma conexão com o que foi chamado de delírio, com essa dialética entre mundo interior e mundo exterior. A subjetividade que lhe foi negada não permitiu que se pudesse, dentro dessas contextualizações, encaixarem a forma como ele assimilou, sentiu e, portanto, vivenciou aqueles momentos.

Sua loucura é construída sob narrativas que procuraram colocar em evidência a sua relação com o espiritismo, o ato de falar com a irmã que teria sido assassinada pelos nazistas durante a segunda guerra mundial. De acordo com as fontes disponíveis não se consegue precisar a idade desta, se era mais velha ou mais nova que Pawel, o que se tem é a declaração de que teria sido morta pelos nazistas na sua frente.

No seu laudo psiquiátrico encontra-se: “[...] *Informa que se comunica com sua irmã Tatiana Gutko (falecida há muitos anos) a todo instante, pois ela está sempre ao seu lado.*” Presenciar assassinatos não é algo comum, não é uma coisa que se esquece com facilidade ou que não interfira na própria concepção de realidade do sujeito. Aqui temos que considerar o agravante de que a vítima era irmã de Gutko, havia laços fraternos que os uniam.

Testemunhar a morte da irmã diante de um acontecimento trágico como a segunda guerra, ter também o medo de morrer e a revolta por ter perdido um ente inocente nas mãos dos nazistas, não pode ter sido assimilado tranquilamente. A representação do fato, a construção do real para Gutko é estabelecida no diálogo entre seus sentimentos e a forma como o mundo percebia esses sentimentos.

Afirmar que mantinha um contato fixo com a irmã, de que ela estava sempre ao seu lado nos remete à saudade, à negação da morte material deste ente querido. Mantê-la viva em sua memória poderia pressupor imaginá-la ao seu lado, não permitir que aquele acontecimento terrível da guerra tenha tirado a vida de sua irmã. Isso também explicaria a sua tendência a discutir o espiritismo.

Acreditar na vida após a morte seria uma maneira, dentro de outra racionalidade, de justificar o contato com sua irmã. A adesão ao meio espírita teria sido uma forma de compreender a si próprio, de entender como era possível ver sua irmã, falar com ela e não *ser louco*. Quando lemos no depoimento de Clarisse Dias, amiga da família Gutko: “*Conheceu Paulo Gutko após sua chega de São Paulo; notou de imediato, tratar-se de um rapaz erudito, intelectualizado, porém com tendências neuróticas. Seus assuntos preponderantes versavam sobre espiritismo e assuntos funerários.*”

As interpretações foram direcionadas no sentido de compreender o preconceito sofrido pela religião espírita naquele contexto histórico, que justificaria ser colocado como característica de loucura. No entanto, aqui quero dar outra dimensão a essa fonte, no sentido de compreender as relações entre os acontecimentos e a construção do imaginário de Gutko, não desprezando suas sensibilidades.

Ao relacionarmos as informações do laudo com o depoimento de Clarisse é possível compreender que suas ações e características estavam relacionadas com seus sentimentos. Esses, por sua vez, não podem ser colocados apenas como parte do abstrato, mas como parte da composição de um real, da realidade de um sujeito que viveu a morte da irmã em sua totalidade. Ele a viu

morrer, presenciou sua agonia, o amor que os unia não permitiu que sua ausência fosse materializada, Gutko procurou outra forma de vivenciar a tragédia ao não se deixar desligar da irmã. Sua estratégia foi mantê-la viva, conversar com ela, tê-la sempre consigo e a explicação para tal buscou no espiritismo, na vida após a morte que lhe deu o alento e a justificativa aos sentimentos que o compunham.

Outro ponto é a negação de si mesmo quando após sua prisão e torturas afirma ser Joseph Fouché¹. Este personagem, nos dizeres de Stefan Zweig em seu livro *Joseph Fouché – Retrato de um Homem Político*, publicado em 1929 foi um Maquiavel da era moderna. O autor faz tal afirmação pelas articulações vividas por esse personagem tido por ele como um dos mais poderosos de seu século.

Segundo o autor, historiadores contemporâneos de Fouché o tinham como traidor nato, intrigante miserável, réptil escorregadio, desertor profissional, alma pequena de policial, amoralista deplorável. A História sempre o teve como figurante, porém, Zweig o coloca como sendo essencial nos acontecimentos de sua época. Em seu livro traz a perspectiva de Balzac que, segundo ele, teria sido o único a fazer justiça à sua grandeza, como sendo “o personagem psicologicamente mais interessante de seu século [...]”. *Este homem estudou gradual e silenciosamente as pessoas, as coisas e as práticas do cenário político; descobriu os segredos de Bonaparte, deu-lhe conselhos úteis e informações preciosas*” (BALZAC, Apud ZWEIG, 1929, p. 12).

Gutko se coloca e aparece como também um figurante, renegado pela História, de extrema importância para os acontecimentos que se desenvolveram ao longo do ano de 1964 em Goiás. Fouché era um homem capaz de negociar sua atuação, navegou entre várias possibilidades e soube tirar proveito dos acontecimentos de seu tempo, estando entre a cruz e a espada.

A situação de Pawel naquele momento também era de um traidor nato, de um desertor profissional, suas afirmações geraram um escândalo político de proporções gigantescas afetando a vida de diversas pessoas. Afirmar ser Fouché poderia estar relacionado à participação deste indivíduo e à situação na qual fora colocado, no diálogo entre o que sabia ser com o que poderiam pensar dele.

Suas ações não foram assumidas como simples ato de delírio, tem raízes nos fatos que vivenciou e nas representações oriundas do turbilhão de sentimentos que o acossaram naqueles instantes. Gutko e Fouché foram relegados à periferia da História, mas foram centrais em relação aos acontecimentos e às pessoas envolvidas neles. Na perspectiva dos militares, ao realizar as denúncias, Pawel não passava de um delator, de um traidor.

O caso Mauro Borges pode ser considerado um dos momentos de maior tensão vividos pelo estado de Goiás. Sua atuação como governador seria julgada pelo Supremo Tribunal Federal, pois o mesmo havia pedido um *habeas-corpus* a ser avaliado naquele momento².

Este é o instante em que o ex-governador mais se diz indignado por não ver respeitada a decisão do Supremo Tribunal Federal. O regime militar já apurado as informações, opta pela intervenção por julgarem o caso como sendo de segurança nacional. Esse ato final que é a deposição é realizado pelas declarações de um homem, que havia sido torturado. No entanto, mesmo o STF sendo favorável ao então governador o presidente da república naquela ocasião se manifesta sobre o caso.

1 Gutko após dias de prisão e torturas junto com seu pai em Goiânia, ambos foram transferidos para Brasília. No caminho, Pawel não mais se identificava pelo seu nome e sim Jean Fouché. É o pai quem narra o fato, dizendo que tentava conversar com o filho, mas o mesmo apenas respondia que não era Pawel Gutko enquanto apagava cigarros no dorso da mão.

2 Informações extraídas da dissertação de Mestrado: *A Lei e a Ordem: A Formação da OAB e a Resistência ao Golpe de 64 em Goiás* de Marcello Rodrigues Siqueira do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Goiás defendida no ano de 2003.

Ao tomar conhecimento da decisão hoje proferida pelo Supremo Tribunal Federal, desejo reiterar a determinação de acatar as decisões judiciais. Num período normal, não precisaria ir além, tanto são conhecidos os propósitos do Governo no sentido de preservar a ordem jurídica. Contudo, uma custosa, organizada e de algum modo inexplicável campanha de publicidade tem buscado confundir a opinião pública nacional em relação à verdadeira situação no Estado de Goiás [...] De fato, dia a dia, se acumulam novas provas quanto ao propósito do Governador de Goiás em transformar o seu Estado num foco permanente de agitação [...] Entretanto, investigações posteriores não somente tornaram mais nítidas as vinculações existentes entre a administração estadual e fortes núcleos subversivos, inclusive estrangeiros, mas têm ainda demonstrado a continuidade idêntica orientação política. Os próprios elementos alcançados pelo Ato Institucional permanecem na intimidade do governo estadual [...] Assim, advertidos sobre a trama que se organiza no Estado de Goiás, com o objetivo de reinstalar o sistema anterior de agitação e subversão, a Nação dará ao Governo o apoio de que necessita para assegurar a tranqüilidade indispensável à prosperidade nacional e o conseqüente bem-estar de todos os brasileiros (CASTELO BRANCO. In. :O CRUZEIRO, 12 de dezembro de 1964 APUD SIQUEIRA, 2003, p. 84).

A intervenção no governo de Goiás é uma atitude tomada no sentido de um medo de uma estratégia subversiva. Desde a era Vargas atitudes foram tomadas como a do ano de 1937 utilizando-se da ameaça comunista como justificativa.

O governo de Mauro Borges será inserido dentro de um contexto que o interligue diretamente com espionagem internacional, fatos que ganham sustentação com as denúncias colhidas pelos militares durante a prisão de Pawel Gutko. Esta trama corresponde ao imaginário do governo federal em que o comportamento do ex-governador é tido como uma ameaça à segurança nacional. Desta forma são tomadas atitudes que culminam na deposição do governador, desobedecendo à decisão do Supremo Tribunal Federal.

Toda essa relação é construída com base em alguns fatos que vão sendo colocados em cadeia, possibilitando o desenrolar de uma história em que o cerne seria o governador.

O anunciado furto de fuzis e munições do Tiro de Guerra de Anápolis, cujos muros amanheceram pichados, com desafios aos militares, serviu para dar novas dimensões ao impasse, transformado então em problema militar da mais alta gravidade. Todo o dispositivo do governo armado no Brasil Central entrou em fase de prontidão. O comandante da 11ª Região Militar deslocou-se para Goiânia, levando tropas e armamento. Unidades do Exército movimentaram-se na área de Ipameri, enquanto forças da 4ª Zona Aérea saíram de Brasília para ocupar os aeroportos de Goiânia e Anápolis, e reforços do I Exército eram transportados da Guanabara para o Distrito Federal (MANCHETE, Ano XII, N.º 658, Rio de Janeiro, 28 de dezembro de 1964 APUD SIQUEIRA, 2003, p. 74).

O furto das armas em Anápolis é inclusive tema das inquirições realizadas pelos militares aos presos junto com Pawel Gutko. A situação de Mauro Borges mostrava-se cada vez mais frágil, pois a sua deposição estava sendo construída à costura dos acontecimentos durante o seu governo. Possíveis ligas de Dianópolis, roubos de armas, ganharam uma expressão ainda mais grave ao serem relacionadas com espionagem internacional tendo como componentes membros da colônia polonesa de Goiás.

Verdade ou não, acreditava-se numa possível articulação que poderia colocar em risco o regime que havia chegado ao poder em março de 1964. Goiânia e Anápolis são cidades muito próximas da capital federal, e um movimento que eclodisse em Goiás poderia significar uma subversão da ordem do poder no estado. É sobre essas sensações, abstratas que se constrói toda a lógica da história construída pelos militares ao recolher os depoimentos sob torturas de Gutko, Brockes, Zaccariotti, entre outros.

O fim, que seria o objetivo de se garantir a segurança nacional, justificaria os meios de atuação do governo que procurou rechaçar qualquer intenção subversiva por parte do governo de Mauro Borges. Neste sentido, pode-se observar bem o quanto Gutko foi importante na composição da estratégia militar que derrubou o governo, pois suas palavras e a história construída em torno dele possibilitaram o agravante da situação em que se encontrava a política do estado.

Do outro lado, o ex-governador primava para consolidar sua inocência. A respeito das prisões e das torturas realizadas em Goiânia, concentrou suas declarações na figura do Coronel Danilo, que teria dirigido todo o processo de averiguação das informações de espionagem:

Ele age, continuamente, em termos do seu interesse, sem nenhuma idéia de justiça e, sobretudo, utilizando métodos bárbaros e inquisitoriais contra os prisioneiros postos sob sua guarda. É necessário em nome da solidariedade humana, levantar um brado de revolta contra essas bárbaras torturas que se fizeram no quartel do 10º BC. As vítimas são: João Batista Zacarioti, Tarzan de Castro, Hugo Brockes, Simão Lutz Kossobusky, Paulo Gutko e seu pai e muitos outros. A ignominiosa atuação do Ten-Cel. Danilo atingiu o brio do Exército Brasileiro e a sua indiscutível vocação democrática. Não adianta nada esconder essa mancha. O Exército nada lucra quando alguém quer esconder o processo criminoso de um dos membros. A solução da honra, da dignidade do militar e do cidadão é a repressão ao crime dentro da ordem jurídica. Uma ação enérgica e corretiva do Governo contra desmandos praticados em nome da Revolução, não a diminui, pelo contrário, só a engrandece. Tolerar as torturas de Goiânia é derrubar todo o arcabouço jurídico e democrático do País. Se permanecermos omissos e indiferentes aos crimes contra homens indefesos, seremos todos responsáveis. A injustiça que atinge um homem atinge todos nós (O CRUZEIRO, 11 de novembro de 1964 APUD SIQUEIRA, 2003, p. 76).

Os direitos do homem e da democracia são aqui defendidos por Mauro Borges como princípios tenazmente feridos pelas prisões e torturas realizadas em Goiânia. Aqui estamos do outro lado, outro imaginário que não percebe ou vê sentido nas violências que são praticadas. Enumera os nomes dos inocentes que haviam sido barbaramente torturados para que componham a história criada para a deposição, entre eles está o de Pawel Gutko.

A inocência do polonês é evidenciada no sentido de possibilitar o descrédito dos depoimentos que tinham sido tomados sob torturas. Porém, não é a única estratégia adotada pelo ex-governador. Além de inocente era preciso desacreditar as palavras, a pessoa precisava ser colocada em xeque. A tese da loucura defendida pelo governador, atestada por amigos e familiares, vem compor essa página triste da história não apenas do estado, mas do país.

No entanto, dizer que Pawel Gutko era louco, não foi o suficiente para evitar que o governo federal interviesse em Goiás. A saída encontrada por Mauro Borges para, a seu ver, esclarecer os fatos, foi a publicação de seus livros, onde se encontram depoimentos e cartas de familiares de Pawel Gutko e das pessoas que com ele foram presas e torturadas.

Na sua justificativa, o governo federal busca concluir a intervenção, atribuindo a ela um valor extremo por ter garantido a segurança do estado e do país.

Não estamos em solo de Goiás para cercar a liberdade de ninguém. O Governador Mauro Borges está em liberdade e nada o impede de permanecer junto aos seus familiares e amigos; está afastado do governo para que não persista na sua obra nefasta de auxiliar o comunismo, enganando o povo goiano, que honrou com sua confiança. Não desejamos que seja disparado um só tiro. As armas que aqui estão pertencem ao povo e são conduzidas por vossos patrícios. Somente serão empregadas se o Governador Mauro Borges e sua gente tentarem uma resistência desnecessária. O povo goiano, cuja bravura muito nos envaidece, não pode continuar a ser enganado. Basta de mistificações. Não desejamos que vossas esposas e mães venham sofrer mais com a perda de entes querido (MEIRA MATOS. In: O CRUZEIRO, 19 de dezembro de 1964).

É sob a bandeira do anticomunismo, na perspectiva de se evitar um mal maior a toda a nação, que os militares vão justificar sua atuação no estado de Goiás. Em ambos os casos, governo e Mauro Borges se constituem não apenas em pontos de encontro, mas, em peças fundamentais nas argumentações está Pawel Gutko.

Como evidenciado, não há a perspectiva de sua subjetividade e de como o mesmo interpretou os acontecimentos ali vivenciados. Mas podemos observar como as estratégias narrativas possibilitam que um mesmo indivíduo, uma mesma história seja utilizada de acordo com as argumentações.

Suas denúncias foram interpretadas e seu ser foi construído e desconstruído pelos militares e por Mauro Borges tendo como auxiliar o saber médico da psiquiatria. Este saber, no entanto, não teve a partir de então e nem anteriormente uma definição fixa para o louco e sua loucura. Isso se tornou cambiante de acordo com os diversos contextos históricos, em que algumas patologias permaneceram e outras deixaram de ser assim compreendidas. Neste caso, movimentos como a luta antimanicomial e projetos políticos de humanização também auxiliam na mudança de perspectiva sobre o louco e a loucura, desconstruindo e construindo novas definições.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este lugar ocupado por Pawel Gutko não permitiu que se levasse em consideração as suas subjetividades. Em momento algum há preocupação em ouvi-lo de fato, o que temos são as denúncias da tortura sofrida por ele e pelo pai e, do outro lado, a ânsia de provar sua loucura para inocentar o governador.

É importante perceber que o mesmo sujeito é vítima de dois silenciamentos, o da prisão e o da loucura. Ambas instituições se apropriam de alguma forma de Pawel Gutko, a ponto de torna-lo um indivíduo sem palavras, quase sem rosto ou expressão. Os sentidos dos enunciados, a partir destes locais de poder, legitimam a mortificação do “eu” de Pawel Gutko, é como se o mesmo não tivesse como dizer uma palavra, suas expressões parecem inexistentes quando se percebe que tanto o comunista como o louco foram construídos por narrativas externas a ele.

A loucura é este lugar que, mesmo após a luta antimanicomial, continua sendo intransitável pelo próprio sujeito louco, pois o trânsito acaba sendo reservado àqueles que constroem o espaço da loucura, mesmo que não físico, mas mental através dos padrões sociais de comportamento que estão aí ainda impostos. A prisão, o espaço da exclusão personificado, um alívio, um alento social por confinar aqueles que “ameaçam” a sociedade, também foi responsável pela anulação de Pawel Gutko.

Que perigo Pawel Gutko representava? Era de fato um comunista que visava um levante subversivo em Goiás ou apenas um polonês que foi colocado na trama criada pelos militares? Ou ainda, era louco de fato e criou todo o enredo ao ser preso? Não saberemos, no entanto, é importante salientar o quanto saberes e poderes podem construir e desconstruir o sujeito de acordo com suas intenções.

Um único indivíduo e duas representações, dois silenciamentos, na busca de sentidos diversos e que o levaram a ser compreendido como louco ou terrorista, mas não como Pawel.

REFERÊNCIAS

BORGES, Mauro O Golpe em Goiás – História de uma traição Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 1965.

- _____ Tempos Idos e Vividos – Minhas Experiências Goiânia: Ed. Agência Goiana de Cultura, 2002.
- BROCKES, Hugo Que não se permita a volta da ditadura In: (org.) SALLES, Pinheiro A ditadura militar em Goiás: Depoimentos para a História Goiânia: Poligráfica Off-Set, 2008.
- CHAUL, Nasr Nagib Fayad Caminhos de Goiás: Da construção da decadência aos limites da modernidade Goiânia: Ed. UFG, 1997.
- FOUCAULT, Michel A Ordem do Discurso São Paulo: Ed. Loyola, 2007.
- _____ Os Anormais Ed. Martins Fontes, 1ª ed. 2001, São Paulo – SP
- HERSCHMANN, Micael M. & PEREIRA, Carlos Alberto Messeder O Imaginário Moderno no Brasil In: A Invenção do Brasil Moderno: Medicina, educação e engenharia nos anos 20-30 Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1994.
- LIMA, Nísia Trindade Um Sertão chamado Brasil Rio de Janeiro: Ed. Revan, 1999.
- SANDES, Noé Freire. Nação, Políticas de Saúde e Identidade (1920 – 1960) Ed. UFG 1ª ed. 2002 Goiânia – GO
- SANTOS, Nádia Maria Weber Narrativas da Loucura e História de Sensibilidades Ed. UFRGS 1ª ed. Porto Alegre RS 2008.
- _____ Histórias de Vidas Ausentes Ed. UPF Passo Fundo RS 2005.
- SILVA, Tomaz Tadeu da Silva Identidade e Diferença Petrópolis: Ed. Vozes, 2000.
- ZWEIG, Stefan Joseph Fouché – Retrato de um Homem Político: 1929.
- ARQUIVO PÚBLICO DE GOIÁS, Goiânia. Revista Oeste Julho de 1942.
- _____ O CRUZEIRO, 19 de dezembro de 1964.
- _____ O CRUZEIRO, 11 de novembro de 1964.
- _____ MANCHETE, Ano XII, N.º 658, Rio de Janeiro, 28 de dezembro de 1964.

Data de submissão: 05/11/2019

Data de aprovação: 16/11/2019